





FILOSOFIA E TEOLOGIA NA PERSPECTIVA DA ESCOLA ALEXANDRINA¹

Philosophy and theology in the perspective of Alexandria's School

Samuel Sanches²

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões sobre a filosofia e a teologia na perspectiva da escola Alexandrina, bem como, resgata sua importância para o nosso tempo. Para tal, e numa primeira parte, trataremos sobre a Alexandria, sua história e também sua tradição filosófica, com aplicação às escolas filosóficas literárias em Alexandria e o neoplatonismo. E em segunda falaremos sobre o judaísmo helênico, o cristianismo na antiguidade tardia, a teoria da religião entre a filosofia e a prática, depois sobre o mito e a história do cristianismo; enfim, Jesus e o discurso mitológico. Consequentemente dialogar um discurso filosófico, sobretudo de Alexandria, destacando as diferenças doutrinárias teológicas de forma sintetizada, para assim, promover um resgate às releituras bibliográficas, contribuindo assim para uma base reflexiva de elementos filosófico e histórico remanescentes de Alexandria.

Palavras-chave: Discurso. Filosofia. Teologia. Alexandria.

¹ Artigo recebido em 14 de julho de 2016, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 16 de agosto de 2019, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² O autor é Mestrando em Teologia pela PUC-SP, especialista em Aconselhamento Pastoral e em Psicopedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Bacharel em Teologia (UMESP) e pastor Batista, membro do grupo de pesquisa José Comblin pela PUC-SP. O autor é mestre em teologia com ênfase em Bibliologia (Seminário Internacional). E-mail: samu.sanches@bol.com.br. Orientador: Professor Dr. Edécio Ottaviani.

ABSTRACT

This article presents reflections on philosophy and theology from the perspective of the Alexandria's School, as well as its importance for our time. For this and in a first part we will deal with Alexandria, its history and also its philosophical tradition, with application to the literary philosophical schools in Alexandria and Neoplatonism. And secondly we will talk about Hellenistic Judaism, Christianity in late antiquity, the theory of religion between philosophy and practice, then about the myth and history of Christianity; finally, Jesus and the mythological discourse. Consequently, a philosophical discourse, especially from Alexandria, should be discussed, highlighting the doctrinal differences of theology in a synthesized way, thus promoting a redemption of bibliographical re-readings, thus contributing to a reflective basis of Alexandria's remaining philosophical and historical elements.

Keywords: *Discourse. Philosophy. Theology. Alexandria.*

INTRODUÇÃO

Existem muitos temas nos meios acadêmicos teológico-contemporâneos, contudo, o estudo da escola Alexandrina em seu auge fomentou pensamentos que culminaram no contexto muito falado e pesquisado atualmente que é o sincretismo religioso e o que podemos denominar de uma possível mistura teológica judaica, filosófica grega (mística) e especulativa. Incluindo nesse contexto os neoplatônicos com a natureza da alma, a comunhão com Deus (o *logos*) dentre outros.

Um outro fato importante que a pesquisa abordará está relacionado com as duas grandes escolas de interpretação bíblica no início da igreja cristã que incorporou o neoplatonismo com a interpretação alegórica da bíblia. Assim, a escola Alexandrina derivou e compôs correntes importantes da teologia e da filosofia. A proposta que estará nesta pesquisa é se basear em um breve panorama dos estudos que identifiquem os pensamentos dessa época e quais foram as contribuições para a teologia contemporânea a partir desses pensamentos oriundos dos Acadêmicos Alexandrinos. O objetivo geral deste trabalho é identificar a filosofia presente no período Alexandrino e detectar os diálogos transitados entre os saberes filosóficos e teológicos no período da época e suas contribuições legadas à igreja cristã atual. Outro aspecto deste estudo é apontar quais foram as influências dos centros filosóficos, tais como: a escola de Alexandria, as escolas filosóficas literárias, o judaísmo helênico, o neoplatonismo e o cristianismo no Egito e em Alexandria.

A justificativa para a presente pesquisa se dá na identificação do saber filosófico na antiguidade, suas recepções e influências históricas. Assim como também a relevância filosófica da escola Alexandrina e o problema quanto aos temas discutidos entre filosofia e saber cristão quanto às doutrinas difundidas. A pesquisa e os métodos servirão de apoio e de contribuições a fim de proporcionar respostas aos problemas propostos ou até mesmo somar ao conhecimento, no que tange, aplicações teóricas a respeito da filosofia e da teologia alexandrina. Entretanto, a metodologia se concentra, sobretudo, em pesquisas de materiais bibliográficos, eletrônicos e estudo de caso, por isso que a pesquisa será bibliográfica e poderá ser seletiva, crítica ou reflexivo-analítica.

Dentro do caráter bibliográfico será permitindo uma reflexão teológica da escola Alexandrina e o primeiro tópico tratará especificamente de Alexandria, sua história e tradição filosófica, como também as escolas filosóficas literárias em Alexandria e neoplatonismo. No segundo tópico falaremos do judaísmo helênico, o cristianismo na antiguidade tardia, a teoria da religião, filosofia e prática, o mito e a história do cristianismo e Jesus e o discurso mitológico. Por último no terceiro tópico será dada uma abordagem reflexiva-histórica a partir das diferenças doutrinárias entre as linhas teológicas, sobretudo e, em especial, da concepção *logos* na filosofia antiga.

1 A ESCOLA DE ALEXANDRIA

Nos registros históricos de Sousa, a escola de Alexandria localizada no Egito Antigo foi o berço do conhecimento e do saber entre os séculos III a.C. a IV. A partir de motivações pessoais, políticas, sociais, entre outras, a biblioteca de Alexandrina nasceu promissora principalmente porque seu projeto é incentivado por Alexandre. Assim, e em pouco tempo, consegue cerca de um milhão de livros e setecentos mil papiros. Aos poucos a biblioteca se torna robusta, tornando-se conhecida recebe um Segundo, passando a ser chamada de Escola Neoplatônica de Alexandria, principalmente por defender aspectos neoplatônicos. Por sua vez, essa escola de Alexandria torna-se um importante centro cultural para a época e também para o saber filosófico. Nesta primeira tomada com base na análise de Alexandria destacamos seu valor histórico e sua tradição filosófica, em especial, pelos viés literário e neoplatônico. Nesses dois aspectos, a análise será feita a partir

de análises bibliográficas, mostrando assim a eclosão de importantes movimentos filosóficos e históricos ao longo do tempo. Na releitura:

Com Alexandre Magno (336-323), filho de Filipe da Macedônia, a Grécia esforçou-se por espalhar ao longe e ao largo a cultura e a mentalidade humanista dos gregos. As conquistas de Alexandre implantavam, entre os povos conquistados, uma espécie de iluminismo cultural, onde a língua, os costumes e a arte dos gregos ganhavam foros de potência civilizadora. Após a conquista do Egito, em 332 AC, lançaram-se as bases duma nova cidade, aberta aos novos ventos da cultura e da arte gregas, livre das peias da teosofia pagã egípcia e independente do culto dos mortos, que tanto subjugava a vida do povo egípcio.³

Na verdade, Alexandre Magno é o grande nome que dá um sobressalto ao que acontece na região de Alexandria e nesse mesmo momento o império preocupa-se com essa região favorecendo seu crescimento, sobretudo para o pensamento filosófico. É plausível verificar o que a história e sua tradição vão significar a partir dessa importância e da abertura de favorecimentos filosóficos.

1.1 História e tradição filosófica

É importante fazermos referência à Alexandria a partir de seu principal fundador, o qual, na verdade perpassa as criações alexandrinas. Por isso direcionaremos para Alexandre, o príncipe macedônico, herdeiro de Filipe e de um mundo helênico continuamente ameaçado pelo poderio Persa. Alexandre, então, torna-se, através da sua própria ousadia, o mais improvável imperador universal que o mundo conheceu⁴.

Consequentemente Alexandre funda suas Alexandrias, constrói uma sociedade helênica e pluricultural, da Alexandria fundada no Egito às suas influências para o “fim do mundo”. Todavia, Alexandre realizava viagens longas unindo sua própria vida em torno dos seus objetivos.

A cultura contemplava regiões recolhidas às margens do Nilo, do Eufrates e do Indo, desaguando no Mediterrâneo que sempre havia sido grego, mas, que agora se projetava para além da Babilônia e ousava divisar, dessa

³ SOUSA, Rogério. **Alexandria**: a encruzilhada do conhecimento. Faculdade de Letras. Porto: Biblioteca Digital, 2009, p. 65.

⁴ SOUSA, 2009, p. 36.

Alexandria para o “fim do mundo”, os Tien-Chan, os Montes Celestes de onde mais tarde, irradiaria, através do caminho de Alexandre, a rota da Seda que continuaria, durante séculos, a ligar o Oriente ao Ocidente⁵. Ainda sobre a tradição da Escola Alexandrina:

O ambiente altamente culto da capital trouxe à nova religião algumas pessoas instruídas, possivelmente da numerosa, culta, e helenizada comunidade judaica de Alexandria; por sua vez, os cristãos, no seu meio social e profissional, defrontavam-se com literatos, cientistas, e estudiosos, a quem precisavam explicar sua doutrina. Foi assim que nasceu a Escola de Alexandria, onde se sucederam, no ensino do cristianismo: Panteno, Clemente, Orígenes, Héraclas, e muitos outros. A escola cristã surge, pois, como um centro de altos estudos, numa cidade pólo cultural da civilização helenística, apoiada na comunidade judaica imbuída de cultura grega clássica, à sombra do enorme e tradicional prestígio do Museu, já sem a Grande Biblioteca, mas ainda com a biblioteca do Sarapeion (entretanto reforçada), e numa época em que as tendências dos estudos se voltam mais para a discussão filosófica e teológica.⁶

Por outro lado, a ocupação dos bibliotecários era tão importante que o nome da maior parte dos seus detentores é ainda hoje conhecida. Eis alguns nomes que Sousa cita e são dos mais importantes nomes: Apolónio de Rodes (sábio e poeta), Erastótenes (matemático e geógrafo), Zenódoto (filólogo). A exemplo de Aristóteles, o fundador do Museu, Demétrio de Falero quis dotar Alexandria como uma biblioteca que reunisse todo o conhecimento disponível e em torno da qual as atividades dos sábios pudessem desenvolver-se. Num momento de grande animação, Demétrio de Falero fez enormes aquisições de livros para a biblioteca. Após esse pedido Ptolemeu II Filadelfo comprou, aos herdeiros de Teofrasto, a biblioteca de Aristóteles e de forma incansável, busca por novos volumes. Assim, barcos que vinham de Atenas descarregavam continuamente nos cais de Alexandria volumes e é daí que possivelmente pelo porto real vai possuir instalações próprias para receber e classificar esses volumes recebidos, que provavelmente teriam sido essas instalações portuárias e não a biblioteca ardidada por ocasião do ataque de Júlio César à frota egípcia em 47 a.C.⁷.

⁵ SOUSA, 2009, p. 38.

⁶ LUPI, João Eduardo Pinto Basto. A Escola de Alexandria como núcleo do Helenismo Cristão. In: **Revista de Ciências Humanas**. v.11, n. 15, 1994, p.11–23.

⁷ SOUSA, 2009, p.36.

1.2 As escolas filosóficas literárias em Alexandria

O conteúdo literário disponível redireciona o ponto de partida para os estudos. Enquanto isso em Alexandria diferentes obras existentes dos textos clássicos davam origem aos trabalhos dos sábios, como por exemplo, Zenódoto que dedica-se em estabelecer um texto mais puro dos poemas homéricos e outros filólogos que fizeram o trabalho análogo para os poemas trágicos e para toda a literatura grega. É a partir daí que nasce assim a crítica literária que seria amplamente desenvolvida por Aristófanes de Bizâncio e Aristarco de Samotrácia. Estudos de crítica literária, florescem os léxicos, obras de comentários ou tratados de gramática⁸.

Em se tratando de definição dos filósofos, de algum modo eles tentaram atribuir origem ao universo utilizando-se de argumentos em debates discursivos. Lembrando que nessa ocasião, os filósofos apontavam elementos materiais e naturais como origem de tudo e citavam os elementos imateriais. De agora em diante outros filósofos argumentavam que a origem de tudo se encontrava em um misto de elementos infinitos e indeterminados.

Surge, então, outro movimento que se denominou Neoplatônico que também merece nossa análise principalmente em se tratando de Alexandria.

1.2.1 O neoplatonismo

O neoplatonismo é um dos movimentos filosóficos de muita relevância, assim denominado por ter origem na teoria platônica. Por isso, na atualidade os pesquisadores acrescentaram o prefixo neo- como marca para diferenciar em relação às duas correntes, as quais, apesar das aparências, são distintas entre si⁹. Outro autor que define muito bem o neoplatonismo é Emilsson que interage-nos a saber que:

O Neoplatonismo como não poderia deixar de ser, significa uma retomada da filosofia platônica, que se deu de diversas formas e em distintos períodos. O último período é exatamente onde se desenvolve o pensamento de Plotino, o real fundador da escola Neoplatônica, embora tal afirmação não seja demasiado precisa, pois Plotino, de alguma forma, herda variados aspectos

⁸ SOUSA, 2009, p. 39.

⁹ CAIRNS, E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 82.

das diversas tradições platônicas, sobretudo do platonismo médio.¹⁰

Já o Dicionário de Filosofia de Nicola Abagnano define o neoplatonismo nas seguintes palavras:

O neoplatonismo é uma escolástica, ou seja, a utilização da filosofia platônica (filtrada através do neopitagorismo, do platonismo médio e de Fílon) para a defesa de verdades religiosas reveladas ao homem ab antiquo e que podiam ser redescobertas na intimidade da consciência.¹¹

Reforça-nos Hegenberg que:

Os primeiros neoplatônicos foram Plutarco, Maximus, Enesidemo e Numênio Apameu, que teriam vivido no segundo século da era cristã e influenciado Plotino, o sistematizador do neoplatonismo. Segundo Numênio, havia três deuses, o Pai, o Construtor (Demiurgo) e o Mundo. Amônio Sacas, de Alexandria, é visto como o fundador da escola neoplatônica.¹²

Nessa época Plotino foi um dos filósofos de muita importância formado em Alexandria (lugar de concentração dos pensamentos grego e oriental), logo depois Plotino muda para Roma. Em destaque sabe-se que seus textos foram posteriormente compilados por Porfírio, tido como seu discípulo na obra clássica conhecida como as Seis Enéadas¹³.

Na contramão de Platão, a crença de Plotino era monista idealista e ele acreditava que só existia Deus ou o Uno de onde emana a fonte divina que irradia por toda a criação. Na realidade os neoplatônicos rejeitavam o conceito do mal e acreditavam apenas em graus de imperfeição na carência da prática do bem.

Já no sentido contrário ao pensamento filosófico aparece o monismo neoplatônico dualista de Platão que diferencia o universo das ideias e dos sentidos. Acreditava-se na fusão completa da alma humana com Deus que pode

¹⁰ EMILSSON, E. K. Neo-platonism. In: **Routledge History of Philosophy** Vol II. From Aristotle to Augustine. London: Routledge, 1999, p. 359.

¹¹ ABAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p.710.

¹² HEGENBERG, Leonidas. **Filosofia Moral**. v. 1. São Paulo: Ética, 2010, p. 1.

¹³ SOUSA, 2009, p. 115.

ser experimentada por alguns em certas fases da vida denominada de experiência mística vivida e experimentada por Plotino. Essa prática de vida vai reafirmar que tudo é e existe em Deus a plenitude¹⁴.

E Emilsson relata que Plotino:

[...] nos apresenta as três hipóstases (realidades existentes): a primeira é o próprio Uno; após, temos o Nous (o Intelecto), e por fim, a Alma. As três hipóstases devem ser entendidas como princípios que desempenham papéis bastante precisos, obedecendo, também, a uma estrutura hierárquica precisa, em conformidade com o grau de unidade que lhe é característico.¹⁵

Hobuss¹⁶ argumenta que “[...] pelo Uno a pura simplicidade, complete a unidade, e sem o qual nada poderia existir, pois o Uno dá ser às coisas (6.9.1; 5.3.15) na medida em que tudo o que existe, existe em função da existência do Uno”. Um outro aspecto filosófico relevante é o judaísmo presente que vai influenciar os habitantes de Alexandria levando aspectos culturais próprios à cultura helênica. No entanto, traços do helenismo estabelecem uma fusão dessa união sobre a qual falaremos no próximo tema para análise do Judaísmo Helênico como um diferencial na formação cultural de Alexandria.

1.2.2 O Judaísmo helênico

É inegável perceber que o judaísmo em Alexandria é bem representativo, oriundo de uma presença bastante influente e de participação social significativa. Surgirão assim, personagens importantes como Estribão. Em sua concepção os judeus presentes em Alexandria se notabilizavam pelo número e riqueza. Vivendo sob o domínio dos Ptolemeus e ocupados pelo poder romano, entendendo que Alexandria era o centro mais próspero da Diáspora.

Por conseguinte, os judeus exerciam os ofícios mais diversos e repartidos pela vida social em Alexandria e dentre as ocupações, banqueiros e mercadores; a

¹⁴ SOUSA, 2009, p. 116.

¹⁵ EMILSSON, 1999, p. 365.

¹⁶ HOBUSS, João Francisco Nascimento. **Introdução à história da filosofia antiga**. Pelotas: NEPFIL, 2014, p. 157.

maioria dessas atividades exercidas concentrava-se nas artesanais e a integração dos judeus na cidade, pretensiosamente, soube conservar a especificidade do povo judeu, conseguida através da articulação de dispositivos institucionais que permitiam uma proteção legal aos membros da comunidade. Conquanto, a presença do judaísmo e o surgimento do cristianismo vão caracterizar um aspecto relevante denominado de antiguidade tardia e que vai fazer aparecer daí um cristianismo em processo de identificação cultural em um ambiente filosófico-místico¹⁷.

2. O CRISTIANISMO NA ANTIGUIDADE TARDIA

Segundo diz Sartin¹⁸, o panorama acerca do período conhecido por antiguidade tardia apresenta-nos aqui e é compreendido pelo intervalo cronológico entre a ascensão de Diocleciano, em 284, e a morte de Justiniano em 565. Assim, o cristianismo da antiguidade tardia apresenta forte influência do início da patrística. Não obstante, os filósofos cristãos da patrística enfrentaram dois problemas relacionados que foram: assegurar frente às autoridades romanas e a legitimidade do cristianismo face à sua clandestinidade; o segundo problema é apresentá-lo para pessoas educadas como intelectualmente respeitável, dando a ele um lugar entre a elite romana pagã. E para Hadot¹⁹ os autores cristãos procuraram fazer do cristianismo “a verdadeira filosofia”, constituindo assim o exercício filosófico como inteligência do conteúdo da fé.

Um destaque especial é de Markus que relata:

Ainda assim, entre a morte de Constantino e a ascensão de Teodósio em 380, as principais sedes episcopais do Oriente (Antioquia, Alexandria e Constantinopla) foram ocupadas por bispos arianos, a começar por Eusébio de Nicomédia, defensor de Ário e, talvez, bispo responsável pelo batismo de Constantino em 337 pouco antes de sua morte. Três posicionamentos surgiram ao longo dessas décadas: o de Niceia, que defendia a identidade substancial entre o Pai e o Filho; a que defendia uma via intermediária, alegando que o Filho era ‘como’ o Pai (tal qual uma imagem assemelha-

¹⁷ SOUSA, 2009, p. 41.

¹⁸ SARTIN, Gustavo H.S.S. O surgimento do conceito de antiguidade tardia e a encruzilhada da historiografia atual. In: **Brathair** 9 (2), 2009, p. 15-40. Disponível em: www.brathair.com. Acesso em 15 set. 2018.

¹⁹ PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. **Antiguidade Tardia para a Idade Média**. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.297-317, 2013.

se ao seu arquétipo) e a tese da dessemelhança de substância entre ambos (posicionamento defendido por Eudócio de Antioquia, por exemplo). Nova tentativa de eliminação do arianismo no Oriente ocorreu após a entrada de Teodósio, responsável pela convocação do concílio de Constantinopla de 381 e pela oficialização do cristianismo niceno como religião do Império.²⁰

Cada região, como em Antioquia, Alexandria e Constantinopla, vai se posicionar de forma teologicamente diferente e os conceitos teológicos não são pontuais, são, contudo, extensivos por toda disseminação dos judeus espalhados, refugiados.

3 TEORIA DA RELIGIÃO: ENTRE A FILOSOFIA E A PRÁTICA

No ocidente, o termo religião tende a destacar sua crença numa entidade superior, mas esta ideia acaba por deixar de fora muitas religiões primitivas, sendo grande parte delas as asiáticas e as orientais, em especial, e nas culturas, é bem possível, encontrar algumas crenças em um ser superior ou numa pessoa/personagem/imagem na imaginação de um modelo ideológico que se possa seguir. Afonso define religião a partir das seguintes perspectivas:

Karl Marx (1818–1883) via a religião como sendo uma droga alienante, enquanto mais ou menos pela mesma altura Edward Burnett Tylor (1832-1917) tinha uma visão diferente. A religião fazia parte da evolução humana e tudo o que existia para trás não é mais que atavismos. Émile Durkheim (1858-1917) dá-nos outra perspectiva, a do propósito da religião. A moral desta pode servir para unificar e dar um código de conduta social. E por essa razão chega mesmo a dizer que os deuses não são nada mais que a sociedade disfarçada.²¹

Segundo Benavides, mudanças históricas entre o conceito como religião refletiam mudanças sociais, políticas, e econômicas. Hipoteticamente essas teorias chamaram a atenção para os pontos históricos de mudança e tensão: “as atividades

²⁰ MARKUS, Robert. **O fim do cristianismo antigo**. São Paulo: Paulus, 1997.

²¹ AFONSO, Cátia Alexandra. **Cristianismo e Mitraísmo na Roma Antiga** – aspectos comparativos secs. I-IV, Universidade de Lisboa, 2012, p. 18.

do reformador e do cético se tornam possíveis em situações intersticiais”; e as transformações destes conceitos “podem ser vistas como o resultado necessário das deslocamentos produzidas pelas mudanças econômicas e políticas”²². Ainda no conceito filosófico do que se entende por religião, temos o que disse Zilles:

Os antigos filósofos gregos não renunciaram à sua tarefa de questionar os mitos dos deuses pela verdade de seu conteúdo. Era-lhes evidente o exercício da crítica filosófica da religião. Claro, crítica não significa simplesmente destruição da religião, mas a busca de seu fundamento racional. Nos tempos modernos, o Iluminismo europeu, se prescindirmos de alguns representantes franceses, não tinha como meta eliminar a religião cristã. Queria conservar o que se pudesse justificar pela luz da razão humana como verdadeiro. A maioria dos iluministas europeus queria justificar a religião racionalmente. Muitos reconheciam a Deus como sua razão última, mas era um Deus sem intervenção no mundo, portanto, sem revelação. Limitaram a fonte de verdade religiosa à razão.²³

Orígenes, outro importante filósofo, nascido em Alexandria por volta do ano de 185 foi contemporâneo, durante parte da vida, de Manes e de Bardesanes ou Bardaisan e em suas obras revela uma grande gama de controvérsias que se sobrepunham à igreja naquela época e algumas até criadas ou alimentadas por ele. Já nas viagens pelo Império Romano, da Arábia a Roma, deixando atrás de si um rastro de argumentos a favor e contra, ele discorda de muitos dos ensinamentos elementares da igreja a qual orgulhosamente se dedicou, como: duvidava que Cristo fosse tão importante quanto Deus e afirmava que um Deus de amor e misericórdia não permitiria aos fiéis sofrerem no inferno. Na verdade, a religião, não como é hoje, não completamente racional enfatizava aspectos racionais ressaltados pelos debates entre os séculos II e III²⁴.

4 MITO E HISTÓRIA NO CRISTIANISMO

No entendimento filosófico sobre o mito, Pierre argumenta que:

²² BENAVIDES, Gustavo. **Magic, Religion, Materiality** Historical Reflections/ Réflexions Historiques 23/3, 1997, 301-330.

²³ ZILLES, Urbano. Situação atual da filosofia da religião. In: **Teocomunicação** Revista da Teologia da PUCRS. Porto Alegre v. 36 Nº 151 Mar. 2006, p. 239-271.

²⁴ BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Cristianismo**. Curitiba: Fundamento, 2012, p. 35.

[...] o mito tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante um ato de fé, caso pareça “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se quer acreditar. O mito, assim, atrai em torno de si toda parcela do irracional existente no pensamento humano; por sua própria natureza, é aparentado à arte, em todas as suas criações.²⁵

Chauí apresenta o mito como “narrativa mágica ou maravilhosa, que não se define apenas pelo tema ou objeto da narrativa, mas pelo modo (diferentemente mágico) de narrar, isto é, por analogias, metáforas e parábolas”²⁶.

No âmbito do cristianismo, como registro mais antigo conhecido e elaborado por um dos primeiros cristãos é uma carta de poucas linhas, escrita por Paulo, a primeira epístola aos tessalonicenses. O manuscrito foi encontrado cerca de vinte anos depois da morte de Cristo. Nos cinquenta anos que seguiram, circularam outros evangelhos, grandes e pequenos, contendo detalhes mais numerosos do que Paulo conseguiu transmitir.

O cristianismo era enfim a mais criticada das religiões coexistentes no Império Romano. Por volta de 250, sua vitalidade e seu caráter inovador tornaram-no de certa forma, vulnerável. Celso (ou Celsus) um filósofo que critica o cristianismo não religioso de Alexandria desqualificava a figura de Cristo que afirmava ser filho bastardo de um soldado romano, e seus discípulos ele os chamava de bando formado por dez barqueiros e dois coletores de impostos.

Celso considerava os líderes cristãos radicais demais e temia que outras crenças alheias ao Império Romano enfraquecesse sua coesão e sua natureza religiosa. Ele reconhecia que ele tinha alguns méritos, porém, sobretudo ao que os cristãos davam à moralidade²⁷. Almeida relata que:

A riqueza da obra de Clemente de Alexandria explica-se por circunstâncias muito especiais. A igreja, ainda é a comunidade reunida em torno do seu bispo. Entre os períodos de relativa paz que se sucedem às violentas perseguições por parte do estado romano, é intenso o debate intelectual entre os cristãos. Passado o tempo no qual parecia iminente a Parusia, discutem-se questões para as quais os livros sagrados apenas servem de fonte. São temas como a relação entre a filosofia e a fé, o papel da revelação judaica para o cristianismo, a existência ou não de uma gnosis cristã, a

²⁵ GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 8-9.

²⁶ CHAUI, Marilena. Introdução à história da filosofia. v.1 dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 32.

²⁷ BLAYNEY, 2012, p. 33-34.

simbólica como linguagem para a compreensão das questões divinas, entre outras tantas. Também havia uma rica tradição cultural que antecedia ao cristianismo, cujas verdades, no entendimento dos filósofos que aderem ao cristianismo, o Cristo representa o ápice.²⁸

Considerado um importante personagem para a história cristã, Clemente de Alexandria recebe esse sobrenome porque foi um filósofo cristão de grande importância em Alexandria.

4.1 Jesus e o discurso mitológico

Para Santos²⁹, *mithos*, palavra grega que destaca o termo Mito, é uma forma de explicar a realidade existencial sem a preocupação lógica da forma empírica. Assim como *logos* significa palavra e *mithos* também é palavra, mas, é palavra envolta em seu sentido fabuloso e espetacular.

Enquanto *mithos* é o que dava sentido animado a uma história, *logos* é palavra ancorada na razão, palavra pensada, racional. Podemos então definir *mithos* e *logos*, respectivamente, como palavra sentida e palavra pensada.

Em ambiente de cultura, onde as principais referências heróicas provinham das grandes lendas helênicas, não é difícil imaginar pensamentos mitológicos presentes na base das formulações doutrinárias e dogmáticas no que se refere a Jesus.

É claro que a história de Jesus nos evangelhos, de uma forma geral, contém temas míticos como: descida ao submundo, o monomito heróico, e o “deus moribundo”³⁰.

Seria, portanto, a história de Jesus nos evangelhos, uma boa história ou um mito? Dundes responde: “Não necessariamente, se compreendermos que mito não é uma “mentira bem contada”, mas pode ser entendido como uma verdade contada a partir das experiências, individuais e coletivas, acumuladas na trajetória de um povo.” Assim, a construtividade histórica

²⁸ ALMEIDA, Ivan Antonio de. **O cristianismo vivo em Clemente de Alexandria** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009, p. 2.

²⁹ SANTOS, Antonio Carlos Soares dos. O monomito de Joseph Campbell e a jornada heroica de Jesus, o Filho de Deus, no Quarto Evangelho. In: **Revista Caminhando**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 71-83, jul./dez. 2014.

³⁰ DUNDES, A. **The hero pattern and the life of Jesus**. Califórnia: Western States Folklore Society: 1979, p. 186.

de um povo parte de um princípio coletivo que afeta suas necessidades e suas esperanças, conforme nos diz Campbell: Do ponto de vista de qualquer ortodoxia, mito, pode ser definida simplesmente como a religião de outro povo, para o qual uma definição equivalente seria mitologia mal compreendida, a má compreensão consistindo na interpretação de metáforas míticas como referências ao fato real [...].³¹

Dessa forma, a comunidade primitiva e os acontecimentos históricos contribuíram para disseminar e consolidar seus pensamentos e experiências, conduzindo-os historicamente na forma mitológica ao longo do tempo e história.

Por fim, em análise da filosofia Alexandrina, principalmente a partir do judaísmo helênico, aspectos filosóficos importantes firmaram o cristianismo na antiguidade tardia, como: teoria da religião entre a filosofia e a prática, mito e história do cristianismo e o Jesus compreendido e difundido por um discurso mitológico. Assim e de outra forma, não se pode ignorar o tema que foi palco de várias discussões filosóficas, a saber o *logos*. Assim, no próximo capítulo trataremos do *logos* na filosofia antiga alexandrina.

4.2 A concepção do *logos* na filosofia antiga

É indiscutivelmente possível ver o tema *logos* como ponto de destaque na filosofia antiga, em especial, entre os filósofos pré-socráticos. Entenda-se “pré-socráticos, não apenas aqueles que antecederam Sócrates, mas aqueles que foram verdadeiros e profundos”, pensadores originários, que se consagraram à tarefa de decifrar o enigma da origem e do que significava o ser da Natureza.

Esses filósofos contribuíram significativamente para o desdobramento do *logos*. Assim, o *logos* vai ocupar um ponto de proeminência na filosofia da Grécia Clássica, o centro da filosofia helênica, em especial no estoicismo antigo, médio e tardio.

Posteriormente, em um novo contexto cultural, com o desenvolvimento das discussões, o tema *logos* vai ocupar um lugar de realce na teologia cristã, na Idade Patrística, por causa do encontro do cristianismo primitivo com a Paidéia grega³². Grupos diferentes se formam para o debate na tentativa de elucidar o *logos*

³¹ CAMPBELL, J. **The inner reaches of outer space: metaphor as myth and as religion.** Nova York: A. van der Marck, 1986.

³² JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego.** Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986, p.35.

místico que permeava os pensadores da época.

4.2.1 *Logos* para os Sofistas, Aristóteles e os Estóicos

Para o entendimento dos sofistas, utilizaremos Kerferd que define:

O nome sofista (*sophistes*), segundo Guthrie, teve diferentes conotações até a época de Sócrates, onde adquiriu um sentido específico, o de um professor que ensina aos jovens a eloquência, a capacidade retórica, mediante pagamento, não um ensinamento qualquer, atrelado aos fenômenos “que são o material da polimatia”, mas o ensino que permite desvelar o sentido mais profundo de todos os assuntos estudados.³³

O século V a.C., é o período em que surgem os sofistas, sendo esse período conhecido como Século de Péricles. Chauí³⁴ vai dizer que essa expressão “pretende salientar que Péricles estimulou e patrocinou a cultura ateniense conduzindo-a ao seu momento de maior esplendor”. O *logos* sofista era então compreendido da seguinte forma: a retórica ensina, em primeiro lugar, que o que conta não é o fato em si, mas o que dele aparece, aquilo que pode persuadir os homens. É a arte do *logos* que não é somente discurso e raciocínio, mas também aparência e opinião, na medida em que estas se opõem aos fatos, e sua finalidade é a persuasão.

Em honra dos sofistas, deve ser dito que a persuasão é preferível à força e à violência e que a retórica é, por excelência, uma arte democrática que não pode florescer numa tirania. Por isso Aristóteles lembra que o nascimento da retórica em Siracusa coincidiu com a derrubada do tirano³⁵.

É perceptível que o *logos* apareça em meio a uma discussão cristológica com o propósito de os filósofos tentarem desmistificar a deidade de Jesus. O filho de Deus é encarnado a fim de cumprir um propósito de redenção. O filho encarna com o objetivo de identificação-comunicação, apresentação e redenção. Dentre os filósofos que debatiam sobre o *logos* aparece o iminente filósofo Fílon de Alexandria.

Na concepção de Aristóteles, temos a seguinte definição para *logos*,

³³ KERFERD, G. Br. **Le mouvement sophistique**. Paris: Vrin, 1999, p. 87.

³⁴ CHAUI, 2002, p. 136.

³⁵ GUTHRIE, W. K. C. **The Sophists**. Londres: Cambridge University Press 1971, p. 188.

Logos é um conceito filosófico marcado, derivando de diversas funções e uso, mas aqui nos limitaremos a tratar e buscar um significado para o *lógos* na Política. Para tanto, utilizaremos a premissa “e só o homem, de entre todos os seres vivos, possui o *lógos*.”³⁶

Aristóteles faz do *logos* uma linguagem de articulação *dialekton*, ele conceitua uma segunda premissa: “A razão pela qual o homem, mais do que uma abelha ou animal gregário, é um ser vivo político em sentido pleno”. Essas premissas nos oferecem os subsídios para afirmarmos que o *logos* é próprio do homem, um ser político.

Os estoicos através do conceito (*ennoia*) fundamentam e unificam todo o seu sistema físico e também lógico e ético na noção de *logos*. A partir daí o *logos* constitui o elemento capaz de refleti-las e conferir realidade corpórea.

Há uma ordem imanente que rege o universo (*kosmos*) e mantém o seu equilíbrio, opondo-se ao *kaos* que pretende dissolver a realidade em indeterminações arbitrárias. Contra os epicuristas, que sustentavam ser o acidente o grande responsável pelo mundo, os estoicos opuseram um memorável argumento reproduzido por Cícero, que sustentava que a beleza e a complexidade do mundo, onde tudo se ajusta perfeitamente, são provas ontológicas da existência de uma inteligência superior que tudo governa e ordena. Não foram átomos rodopiando ao acaso que conformaram este nosso mundo, dizia Cícero. Tal lhe parece tão impossível como obter de um só lance todos os versos dos Anais de Ênio lançando ao ar inumeráveis letras que, caindo ao solo, se organizariam de modo eventual, dando lugar ao poema inteiro. Com tal método aleatório não é possível obter sequer uma única linha dos Anais. O mesmo raciocínio deve ser aplicado ao universo para compreendermos quão absurda é a ideia de que ele teria surgido acidentalmente e sem o concurso do *lógos*, determinação demiúrgica racional (*logikos*) que perpassa a natureza. Na linha de Heráclito, Zenão identifica o *lógos* com o fogo-artesão, artífice do mundo. Trata-se de uma matéria extremamente sutil e capaz de sustentar os paradoxos do pensamento estoico, que exige ao lado de um racionalismo rigoroso, um materialismo estrito. As vezes os estoicos chamam o *lógos* de deus (*theos*), mas não se trata de um ser divino pessoal como no cristianismo e sim do princípio de racionalidade que se encontra em todas as coisas, em especial no homem, que contém em si os *logoi spermatikoi*, ou seja, razões seminais individualizadas capazes de identificar a racionalidade humana com a do próprio Zeus.³⁷

³⁶ ARISTÓTELES. **Política**. (edição bilíngue). Trad. de Antônio C. Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998, p.1253-9.

³⁷ LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Escritos de filosofia II: ética e cultura**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

Assim, o *logos*, no entendimento dos Sofistas, Aristóteles e dos Estóicos, surge com aspectos distintos e importantes entre si, mostrando o sincretismo peculiar de cada movimento pensante.

4.2.2 O *logos* para Fílon de Alexandria

No entendimento de Fílon, o filósofo judeu, o *logos* é destacado a partir de sua existência e atuação no universo, pois daí vai tornar-se mais evidente e extensivo, usando a figura do *logos* para mostrar uma mediação entre o Deus que transcende a sua criação; ele acreditava que Deus era totalmente transcendente possuindo forças intermediárias e manifestando atividades no universo, sendo o *logos* a mentoria dessas manifestações³⁸.

Reis vai reforçar esse entendimento do *logos* “a figura do *logos* como um ser intermediário e para Fílon o *logos* adquire uma nova dimensão, a que serve de ligação mais íntima entre as criaturas e Deus criador”³⁹.

A partir da criação do universo, a parte sensível, o *logos* “torna-se encarnado no corpo do mundo, do mesmo modo que a alma ou mente torna-se encarnada no corpo de um ser vivente individual”. Assim, o *logos* no entendimento de Fílon surge com aspectos distintos e importantes mostrando seu sincretismo filosófico peculiar.

4.2.3 O *logos* em Heráclito e no prólogo de João

No prólogo do evangelho de João a palavra *logos* aparece quatro vezes, rápida e de forma sucessiva. Em João 17.17 o apóstolo atribui a Jesus a expressão “santifica-os na tua verdade; o teu *logos* é a verdade”. Destaca uma superioridade em Jesus que havia dito que Ele mesmo era o caminho, a verdade e a vida. Por isso em caráter de probabilidade, além de à palavra escrita (*logos graphos*) o termo passa a se referir ao próprio Jesus (*logos ensarkos*).

A partir do ponto de partida de Viera⁴⁰, premissas de ordem filológica e

³⁸ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 358.

³⁹ REIS, Eduardo José dos. **O Logos em João**. 2012, p. 15. Disponível em: <http://tede.metodista.br/>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁴⁰ VIEIRA, Celso de Oliveira. **Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito**.

etimológica na opinião de autores antigos constituem a fonte para os fragmentos de Heráclito e as informações contidas nos textos de cada fragmento, por isso, estudiosos refizeram várias leituras quase sempre plausíveis do uso que ele faz do *logos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, nós nos perguntamos pelas possibilidades do estudo da Escola Alexandrina por meio de uma perspectiva da história filosófica e cultural. Iniciamos nossa base e argumento apontando para estudos relativamente recentes de releituras antigas e outros contemporâneos nos quais perspectivas pertinentes foram levantadas.

Há esforços acadêmicos que contemplam a pesquisa de temas especificamente filosóficos de conhecimentos, doutrinas e ideias religiosas, de análises em perspectivas filosóficas, históricas e representações cristão-religiosas. Essas perspectivas tangenciam em vários aspectos, sem, no entanto, explorarem plenamente as questões relativas a uma história cultural.

Por isso, é importante o estudo sobre o legado da escola e da biblioteca de Alexandria, apesar da misteriosa destruição da biblioteca⁴¹. Isso porque não existe um marco exato no tempo do dia, mês e ano em que a biblioteca sofreu o primeiro incêndio, ou o segundo, ou o terceiro. No entanto, existem várias suposições, estimativas e hipóteses sobre o que aconteceu e quando aconteceu. Com relação ao início e ao fim da biblioteca de Alexandria, Sousa expõe que:

Com o objectivo de promover o helenismo e toda a sua cultura é que se construiu a célebre Biblioteca de Alexandria. Terá sido em meados do século III AC (cerca de 252 AC), quando governava o Egipto Ptolomeu II, Filadelfo. Ali se reuniria todo o empório do saber: literatura, história, filosofia, religião, arte, matemática, astrologia, medicina. Calímaco (305-240AC) foi o bibliotecário que elaborou o primeiro catálogo, que ocupava 120 rolos de papiro. Estima-se que chegasse a ter entre 400.000 a 1 milhão de papiros. Em 604 DC, foi destruída num incêndio casual. Há pouco, em 2002, foi inaugurada a nova Biblioteca de Alexandria, algo de grandioso senão mesmo megalómano, financiada pela UNESCO e pelo governo

Universidade Federal de Minas Gerais Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Dissertação de Mestrado, Nov/2010, p. 17.

⁴¹ VIEIRA, 2010, p. 7.

egípcio, com o custo total de 200 milhões de Euros. Pretendeu-se que fosse uma biblioteca à altura do seu passado lendário, preparada para as novas tecnologias e com espaço para 8 milhões de livros.⁴²

A história ainda deve uma melhor explicação científica sobre o que de fato aconteceu à Biblioteca de Alexandria. Outras considerações se sobressaem relevantes.

Dessa forma, considera-se que ficou uma contribuição teológica importante e na esteira dessa análise conclusiva leva-se em conta o processo histórico-filosófico que vimos nesse artigo, as muitas ideias da escola Alexandrina que provocaram o florescer e o próprio amadurecimento da fé cristã, apesar de sua motivação original e do que provieram desse intento, os desvios ortodoxos delineados ao longo da trajetória da fé.

Contudo não se pode ignorar ou esquecer que as interrogações filosóficas da fé cristã antiga, proporcionaram um dinamismo racional (em partes, é claro) na própria fé, no sentido de não só responderem a uma época, mas de suscitarem questões de outras vivências existenciais, crenças e símbolos das épocas, que conduziram por temas discursivos nos meados do tempo.

Ainda assim a escola de Alexandria serve-nos de uma perspectiva mística, agregando saberes provenientes do judaísmo helênico, além de possibilitar discussões sobre temas importantes, como o *logos*. Portas teológicas se abrem para discussões acaloradas entre os cristãos históricos e pensadores vieram com novos fomentos discursivos elucidando tantos outros temas pelo exercício da prática do debate.

Enfim, o tema do presente artigo não esgota o estudo sobre Alexandria, mas, procura antes de tudo mostrar as contribuições legadas para a nossa teologia contemporânea que não se dá por definitiva, antes e, contudo, se dá pela contínua e permanente análise filosófica.

Assim, o presente trabalho mostra que a filosofia deve caminhar e sempre dialogar com a história e entre tantas outras manifestações de cunho interdisciplinar que se constrói na busca incessante de novos estudos e ou pesquisas.

REFERÊNCIAS

⁴² SOUSA, 2009, p. 65.

- ABAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AFONSO, Cátia Alexandra. **Cristianismo e Mitraísmo na Roma Antiga** – aspectos comparativos secs. I-IV, Universidade de Lisboa, 2012.
- ALMEIDA, Ivan Antonio de. **O cristianismo vivo em Clemente de Alexandria** ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.
- ARISTÓTELES. **Política**. (edição bilíngue). Trad. de Antônio C. Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.
- BENAVIDES, Gustavo. **Magic, Religion, Materiality** Historical Reflections/ Réflexions Historiques 23/3, 1997.
- BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do Cristianismo**. Curitiba: Fundamento, 2012.
- CAIRNS, E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CAMPBELL, J. **The inner reaches of outer space: metaphor as myth and as religion**. Nova York: A. van der Marck, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**. v.1 dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 32.
- DUNDES, A. **The hero pattern and the life of Jesus**. Califórnia: Western States Folklore Society: 1979.
- EMILSSON, E. K. Neo-platonism. In: **Routledge History of Philosophy** Vol II. From Aristotle to Augustine. London: Routledge, 1999.
- GRIMAL, Pierre. **A mitologia grega**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GUTHRIE, W. K. C. **The Sophists**. Londres: Cambridge University Press, 1971.
- HEGENBERG, Leonidas. **Filosofia Moral**. v. 1. São Paulo: Ética, 2010.
- HOBUSS, João Francisco Nascimento. **Introdução à história da filosofia antiga**. Pelotas: NEPFIL, 2014.
- JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martin Fontes, 1986.
- KERFERD, G. Br. **Le mouvement sophistique**. Paris: Vrin, 1999.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Escritos de filosofia II: ética e cultura**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- LUPI, João Eduardo Pinto Basto. A Escola de Alexandria como núcleo do Helenismo Cristão. In: **Revista de Ciências Humanas**. v.11, n. 15, 1994, p.11–23.
- MARKUS, Robert. **O fim do cristianismo antigo**. São Paulo: Paulus, 1997.
- PINHEIRO, Rossana Alves Baptista. **Antiguidade Tardia para a Idade Média**. Revista História e Cultura, Franca-SP, v.2, n.3 (Especial), p.297-317, 2013.
- REIS, Eduardo José dos. **O Logos em João**. 2012, p. 15. Disponível em: <http://tede.metodista.br/>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- SANTOS, Antonio Carlos Soares dos. O monomito de Joseph Campbell e a jornada heroica de Jesus, o Filho de Deus, no Quarto Evangelho. In: **Revista Caminhando**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 71-83, jul./dez. 2014.
- SARTIN, Gustavo H.S.S. O surgimento do conceito de antiguidade tardia e a encruzilhada da historiografia atual. In: **Brathair** 9 (2), 2009, p. 15-40. Disponível em: www.brathair.com. Acesso em 15 set. 2018.
- SOUSA, Rogerio. **Alexandria: a encruzilhada do conhecimento**. Faculdade de Letras. Porto: Biblioteca Digital, 2009.
- VIEIRA, Celso de Oliveira. **Razão, alma e sensação na antropologia de Heráclito**.

Universidade Federal de Minas Gerais Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Dissertação de Mestrado, Nov/2010.

ZILLES, Urbano. Situação atual da filosofia da religião. In: **Teocomunicação** Revista da Teologia da PUCRS. Porto Alegre v. 36 N° 151 Mar. 2006.